

# Resenha

COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.  
ISBN: 978-85-7743-379-7

## Marxismo cultural: falácia conceitual e *front cultural* da extrema direita

Jean Henrique Costa\*  
Raoni Borges Barbosa\*\*

Constitui tarefa desafiadora apreciar criticamente uma obra já tão didática acerca da expressão *marxismo cultural*, cujo uso tornou-se expansivo, desonesto e mesmo caricato dentre a denominada extrema direita no Brasil. Ainda assim, discutimos *Dialética do marxismo cultural*, da professora Iná Camargo Costa<sup>1</sup>. Primeiramente, o livro nos provoca com o desvendamento de uma nefasta falácia conceitual e, ato contínuo, nos brinda com a exposição do vigor marxiano sobre a luta de classes. Para além deste exercício meramente acadêmico, e considerando o contexto social de crise civilizacional global em que as armas marxistas da crítica – notadamente em sua dimensão política – têm sido capturadas como bode expiatório pelas mazelas do próprio capitalismo, enquanto a ideologia se transforma em *propaganda do mundo*<sup>2</sup> (Adorno, 2001), o resgate crítico de textos marxistas desempenha o estratégico papel de desmontar e dessacralizar os anticientificismos que flagelam a sociedade atualmente.

Costa (2020) organiza seu argumento teórico-metodológico em breves 69 páginas dispostas em três capítulos e uma pequena seção conclusiva. Logo, ao aquiescer com a trajetória básica tecida pela autora, apresentamos o fio condutor básico da obra, de modo, quiçá, a tornar o livro mais difundido perante um público intensamente bombardeado por fake news, pseudo análises e desinformações acerca do marxismo como totalitarismo (autocracia, ditadura) de esquerda. Esquivando-se dessa mentira pretensamente orgânica, esboçamos esta resenha. Na primeira parte do livro, com efeito, a autora afirma que “estamos há algum tempo desafiados a apresentar a verdade e a verdade sobre o marxismo cultural. A primeira verdade é histórica: a expressão é perfeitamente rastreável desde o programa nazista” (Costa, 2020, p. 13). Feito isso, “uma vez exposta esta reconstituição, temos uma segunda verdade-desafio a encarar: transformar a incriminação em arma de luta no front cultural, definindo a nossa própria pauta” (Costa, 2020, p. 13-14).

---

\* Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). Doutor em Ciências Sociais (PGCS/UFRN). E-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com.

\*\* Doutor em Antropologia. Pesquisador Bolsista DCR-CNPq da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI, vinculado no status de PNPd ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPI), sob supervisão da Profa. Dra. Carmen Lúcia Silva Lima. Pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização (UFPI). E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2437-3149>.

<sup>1</sup> Professora aposentada da FFLCH da USP.

<sup>2</sup> “Não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada, mas que pede o silêncio” (Adorno, 2001, p. 25).

Costa (2020) afirma decididamente que a ideologia da expressão marxismo cultural tem suas raízes no programa político nazista, cuja lógica prosperara nas figurações socioculturais de grande ressentimento, violência estrutural e insegurança ontológica que marcaram a história europeia de 1870 a 1950, quando da fundação tardia dos Estados Nacionais alemão, italiano e soviético, e do encontro da grande indústria, do capital monopolista e das instituições de ortopedia social (mídia, escola, universidade, sindicato, presídio, campo de trabalho, fábrica, exército regular mecanizado, entre outras) aglutinadas no projeto estatal totalizante, universalizante, evolucionista e etnocêntrico. No entender de Costa, “a combinação de ressentimento, racismo e anticomunismo produz o caldeirão onde germinará o entusiasmo dos fanáticos por Hitler” (Costa, 2020, p. 15). Deste modo, “a certidão de nascimento do marxismo cultural” foi elaborada por este genocida e registrada em seu livro de obscenidades *Minha Luta* (Mein Kampf), resumido por Costa (2020, p. 16) como uma declaração de guerra ao marxismo, cuja “expressão cultural máxima seria o bolchevismo”.

A autora enfatiza que na propaganda fascista “o marxismo aparece associado ao judaísmo e ambos constituem as duas maiores ameaças ao povo alemão [...] Sendo o marxismo a causa da decadência do povo alemão, uma das metas do nazismo é a sua aniquilação” (Costa, 2020, p. 17). Costa (2020), contudo, não desvincula a questão da extrema direita à problemática da luta de classes, mantendo, evidentemente, o caráter materialista da análise.

O fascismo só prospera em situações em que a classe proletária está desarmada em todos os sentidos, especialmente no plano político-programático. Para dizer a mesma coisa em linguagem trotskista, está em crise de direção e por isso é incapaz de lutar pela revolução, o único remédio contra os males que o capital precisa lhe impor para resolver sua própria crise, recorrendo para tanto, e em casos extremos, a regimes fascistas: redução de salários, trabalho escravo, eliminação de direitos como organização, expressão, saúde, educação, habitação e uma vasta pauta de violências inomináveis, a começar pelo estado policial (Costa, 2020, p. 14).

Como explicação histórica para o termo marxismo cultural, é posto que, desde o início da Guerra Fria, nos Estados Unidos, termos densos do vocabulário politológico e filosófico, como marxismo, socialismo e comunismo, foram transformados em tabus no debate acadêmico e político, inclusive nos espaços universitários. “Pelo menos duas gerações se formaram sem ouvir menção a estas palavras e a universidade estadunidense até hoje, em sua esmagadora maioria, não dispõe de professores críticos do capitalismo em seus cursos de economia” (Costa, 2020, p. 33). Para além do contexto do pós-guerra, o fantasma do marxismo cultural, já com este nome, teve sua segunda aparição “nos Estados Unidos do início dos anos 1990, coincidindo com a publicação de estudos críticos e denúncias sobre as ações estadunidenses de contrainsurgência – ou combate a comunistas – principalmente na América Central, e em especial na Colômbia” (Costa, 2020, p. 29). Atualmente,

[...] os mais proeminentes porta-vozes atuais do combate ao marxismo cultural são Steve Bannon e o canadense Jordan Peterson. Por seu papel estratégico nas nossas eleições presidenciais de 2018, o primeiro dispensa apresentações; Jordan Peterson é uma boa síntese do intelectual conservador: dispõe-se, por exemplo, a debater marxismo sem ter lido uma única obra de Marx, como ficou mundialmente evidenciado em recente debate com Slavoj Žižek [...] em Jordan Peterson é evidente a constrangedora combinação de ignorância e pretensão, pois todas as suas proposições a respeito de Marx e do marxismo são simplesmente falsas (Costa, 2020, p. 37).

Em termos práticos, o livro de Costa (2020) expõe que:

Quanto à expressão ‘marxismo cultural’, como já ficou dito, seu uso [*em larga escala*] data do início da década de 1990. Seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema-direita estadunidense [...]. Os objetos mais imediatos de sua fúria conservadora são o femi-

nismo, a ação afirmativa, a liberação sexual, a igualdade racial, o multiculturalismo, os direitos LGBTQ e o ambientalismo (Costa, 2020, p. 37-38, grifos adicionados).

Cabe frisar que, para esses grupos reacionários, o marxismo cultural nasce com a Escola de Frankfurt, cujos membros emigraram para os Estados Unidos em sua fuga do nazismo, e, sendo eles judeus, combinaram as teorias dos judeus Marx e Freud e promoveram a arte moderna (Costa, 2020, p. 38). Portanto, “Trump e assecas [dentre eles, Jair Bolsonaro no Brasil] acreditam firmemente que a cultura estadunidense é dominada pelo marxismo cultural” (Costa, 2020, p. 38-39, grifos adicionados), sendo, portanto, o marxismo cultural “a própria subversão da cultura ocidental” (Costa, 2020, p. 40-41). No Brasil, por seu turno, a “expressão ‘marxismo cultural’ desfruta da duvidosa honra de ter entrado na cena oficial brasileira através do programa da campanha de Bolsonaro à presidência da República em 2018, desde já contando com os bons serviços de Steve Bannon” (Costa, 2020, p. 41).

Na página 5 do programa dos novos lacaios da neocolônia, o candidato ao cargo titular e à libré mais vistosa promete livrar o país de ‘ideologias perversas’, e na página 8 nos deparamos com a seguinte informação: ‘Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo se uniu [sic] às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira (Costa, 2020, p. 42).

Pelo prisma de Costa (2020), eis que, “dialeticamente, para um marxista, o *marxismo cultural* nada mais é que a fusão operada pelo inimigo entre marxismo ocidental e materialismo cultural, numa operação ideológica que requenta, além de mal e porcamente reciclar, a marmitta nazista” (Costa, 2020, p. 48-49). Em suma, na mesma logística do nazifascismo, a ideia da narrativa ideológica da expressão *marxismo cultural* “é disseminar disparates, absurdos e despropósitos. É evidente a semelhança entre o que dizem e o que dizia seu protoguru Adolf Hitler” (Costa, 2020, p. 41).

É importante destacar que, atualmente, no Brasil, essa narrativa fascista contra a esquerda ou contra qualquer perspectiva política progressista ganhou força principalmente com a expansão do desemprego e da precarização das condições e relações de trabalho durante os governos Temer e Bolsonaro, criando, sustentando e ampliando contextos interacionais de ressentimento de classe, de cultura do ódio e de anti-intelectualismo. Adorno (2020) já havia mostrado a questão da desintegração social como situação de anomia, tendo a extrema direita se aproveitado das massas desenraizadas social e culturalmente como massa de manobra.

No Brasil, trabalhadores precarizados – cooptados pela direita internacional, conectada via redes sociais e máfias escusas, em pleno processo de radicalização antidemocrática e antirrepublicana – passaram a assumir no âmbito econômico o discurso neoliberal de privatização totalizante e de empreendimento de si para vencer no mundo-mercado; ao passo que, no âmbito moral e político, a retórica fascista de perseguição higienizante, castradora e exterminadora da alteridade culminava em cenário ideal para a consolidação sociocultural e pública de grupos extremistas de recorte militarista, neopentecostal e oligopolista, já tradicionalmente representados no sistema político brasileiro pela *bancada parlamentar da bala, bíblia e boi*. Com a classe trabalhadora desarmada ideologicamente e seduzida pelo neofascismo brasileiro (trumpista e supremacista branco), o núcleo duro do bolsonarismo passou a utilizar dessas falácias conceituais e a demonizar figuras como o educador Paulo Freire ou mesmo a atacar qualquer perspectiva artística de esquerda que não aderisse à indústria cultural da música “sertaneja” já sucumbida ao extremismo bolsonarista. Ódio, manipulação, ressentimento de classe, negacionismo e intolerância passaram a cooptar grupos extremistas em um país que, contraditoriamente, vende ideologicamente a si mesmo como o país do futuro, conciliador de divergências, criativo, festivo, flexível, tolerante, feliz etc. (De Masi, 2014).

Diante da expansão neofascista, o livro de Costa relembra que uma teoria crítica precisa se opor à barbárie e entender que não será o capitalismo o *fim da história*, como propôs

erroneamente Fukuyama (1992). A história está sendo construída a partir das lutas de classes e de projetos *outsiders* que visam minar determinadas bases do modo de produção vigente, construindo um futuro para além das amarras do capital. Para tanto, concordamos com István Mészáros (2011), quando diz que a práxis socialista precisará da reestruturação radical do arcabouço estrutural do capital, inerente não apenas a um dado maquinismo econômico, mas ao *sociometabolismo* geral herdado. O processo de reestruturação radical, nesse sentido, só poderá avançar se os objetivos para a supressão do capital – que hoje combina fascismo e neoliberalismo – reduzirem estruturalmente o poder de regulação do capital sobre o próprio sócio-metabolismo, em vez de apregoar como realização do socialismo algumas tímidas conquistas de um mundo supostamente pós-capitalista.

Na conjuntura atual de crise civilizacional generalizada expressa na onda internacional neofascista, a saturação da retórica neoliberal em sua versão acadêmica e de salão, em tintas burguesas otimistas e laudatórias, torna-se não somente mais evidente, mas escandalosa, principalmente na falência da narrativa fatalista (o famigerado *fim da história!*) e totalizante do economicismo neoliberal em todas as esferas da vida (Chauí, 1995). A argumentação historicizante de Costa (2020) sobre o *marxismo cultural*, nesse sentido, revela a conjuntura sociopolítica e sociocultural que alimentou – e ainda alimenta – a paranoia anticomunista, nutrindo o medo do monstro socialista. Assim, da reflexão de Costa (2020) podemos problematizar, a título de conclusão, os usos do *marxismo cultural* no discurso narcisista e falacioso do *coach* e do *influencer* das novas mídias digitais, que parecem sob medida para a imbecilização neoliberal e para a idiotia neofascista das massas. *Marxismo cultural*, enquanto *front cultural* da extrema direita, portanto, cada vez mais parece ocultar ideologicamente o progressivo deslocamento da hegemonia capitalista do eixo atlântico para o pacífico, tal como consolidado com o desastre mal gerido da quebra da bolsa de valores em 2008, desencadeando nova crise do capitalismo financeiro e informacional global, e com a recente pandemia da covid-19, com seus milhões de mortos.

### Referências

- ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 2001.
- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: UNESP, 2020.
- CHAUI, Marilena. “Cultura política e política cultural”, *Estudos avançados*. São Paulo, v. 9, n. 23, 1995, pp. 71-84.
- DE MASI, Domenico. *O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido em 22 de março de 2023

Aprovado em 22 de março de 2023